


## O USO DA MILITARIZAÇÃO DAS ESCOLAS PÚBLICAS PARA “ENDIREITAR” A EDUCAÇÃO

 <https://doi.org/10.56238/arev7n5-359>

Data de submissão: 25/04/2025

Data de publicação: 25/05/2025

**Eveline Borges Vilela Ribeiro**

É licenciada em Química (2008), Mestre em Educação em Ciências e Matemática (2011) e Doutora em Química (2015) pela Universidade Federal de Goiás. Atualmente é Professora da Universidade Federal de Jataí.

[eveline\\_vilela@ufj.edu.br](mailto:eveline_vilela@ufj.edu.br)

<http://lattes.cnpq.br/9537398544891010>

**Wanderson Alves Coelho**

Mestrando em Educação

UFJ – Universidade Federal de Jataí

[wacoelho@gmail.com](mailto:wacoelho@gmail.com)

<http://lattes.cnpq.br/7184051746352274>

---

### RESUMO

Esta pesquisa faz parte de um mestrado em andamento, que tem como objetivo analisar como as escolas militares/militarizadas institucionaliza o conservadorismo e quais as implicações para a formação do aluno/cidadão. As instituições analisadas são os CEPMGs (Colégios Estaduais da Polícia Militar de Goiás), fazendo um contraponto com as escolas tradicionais. É uma pesquisa de cunho bibliográfico, de caráter qualitativo, e que utilizamos o autor Pierre Bourdieu e seus conceitos, principalmente o de habitus, o de campo, capital simbólico e violência simbólica. Conceituamos o que vem a ser o conservadorismo e como ele se relaciona ao neoliberalismo e à direita enquanto agentes que tentam moldar a sociedade.

**Palavras-chave:** Conservadorismo. Educação Militar. Cidadania. Análise Bourdiesiana.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é um recorte de uma dissertação de mestrado que está em fase de pesquisa, que faz uma análise do conservadorismo e da tentativa de institucionalizar esse, através da militarização das escolas públicas, principalmente no Estado de Goiás.

O trabalho apresenta uma análise teórica sobre o impacto do neoliberalismo e do conservadorismo na educação, com ênfase na militarização das escolas, diferenciando aqui o que vem a ser um colégio militar e um militarizado. Escolas militares são aquelas vinculadas às forças armadas (exército, marinha e aeronáutica), direcionadas para as pessoas que buscam seguir carreira militar no futuro, enquanto escolas cívico-militares, também chamadas de militarizadas, são aquelas que, como as escolas tradicionais tem por objetivo formar para a vida em sociedade e para o mercado de trabalho

Nesse sentido, é necessário diferenciar os CPMG dos CM (Colégios Militares) – colégios “tradicionais”, principalmente no que tange à formação, pois estes últimos direcionam a formação de seus alunos para o preenchimento das fileiras das instituições militares em todo o território brasileiro (oficiais e praças), já que são gestados pelas forças militares que compõem a esfera federal (Marinha, Exército e Aeronáutica); o que diverge contundentemente dos colégios que foram militarizados, que, apesar de possuírem algumas similaridades, pelo fato de a estrutura ser militarizada/hierarquizada, não possuem como finalidade a formação dos alunos para as carreiras militares, muito menos para serem policiais. (Guimarães, 2018. p. 74).

Esta pesquisa tem por objetivo avaliar como as escolas militarizadas refletem os ideais conservadores na nossa sociedade. A preocupação com a temática se dá em um momento em que este modelo de instituição escolar se expande pelo país e suscita debates sobre esse modelo de educação.

O discurso que a valida a militarização das escolas públicas, é o maior índice nas avaliações externas, perante as escolas tradicionais. Um dos elementos que indicam fazer a diferença é a disciplina, com a presença militar na rotina escolar, que inibe a violência e melhora a disciplina dos estudantes, mas não se questiona qual a causa da violência e suas raízes, assim como as razões da indisciplina escolar:

Nossa pesquisa sinaliza, também que alguns temas têm ganhado destaque: a gestão escolar, a disciplina escolar, as disciplinas escolares instrumentalizadas em favor de um modelo de escola militarizada, o perfil dos alunos e o desempenho escolar, a violência. Importa destacar que, em todos os estudos realizados encontram-se críticas a esse modelo de se fazer educação, uma vez que se parte do princípio que a educação visa à emancipação, e não à burocratização e à rigidez disciplinar. (Alves & Toshi, 2019, p. 09).

O pensamento conservador ([Silva, 2023](#)) é também refletido na adesão de pensamentos e rotinas religiosas, como orações, nas escolas militares/militarizadas. Esse fato aumenta a simpatia da população pelas escolas através da construção de um ideário de bons valores e costumes. Zan e Krawczyk (2019), lembrando de Apple:

Apple (2003) tem acompanhado o avanço do pensamento conservador nos EUA dominando e influenciando a sociedade em geral e prática educacionais, em particular. Para ele, o país está enfrentando um amplo movimento de “modernização conservadora” que recomenda “libertar” as escolas, incluindo-as em um mercado competitivo. Restaurar a cultura tradicional comum e enfatizar a disciplina e o caráter, voltando-se para a doutrina cristã nas salas de aula, como guia de toda conduta dentro e fora da escola, são ideias que retornam. Ao mesmo tempo, o movimento defende a intensificação e o controle dos professores por meio de critérios de avaliação e testes mais rigorosos e exigentes. (P. 05).

Trazemos como o problema principal uma pergunta: Como as escolas militares/militarizadas refletem o conservadorismo de maneira institucionalizada? E para tentar responder essa pergunta, temos por objetivo geral: avaliar se e de que maneira as escolas militares/militarizadas refletem ideais conservadores.

A militarização caminha a passos largos, na medida em que também avançam os conservadorismos no país, que têm desencadeado atos extremistas, colocado em risco a democracia e dado cabo a vidas de muitas brasileiras e brasileiros, ou residentes no país. A expansão da militarização e o repasse das escolas públicas para as corporações, inclusive por meio da contratação de Organização da Sociedade Civil (criada por militares), está na contramão de uma educação que fomenta a democracia. (SANTOS; ALVES; LACÊ, p. 18).

Se trata de uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico, onde analisamos as produções acadêmicas na área para nos dar um suporte teórico, bem como autores que aprofundam o conhecimento à cerca do conservadorismo e da educação. Tem um cunho crítico, que como Apple (1999) chama de “neogramsciana”, superando as divisões colocadas nas ciências (pós-modernas, pós-estruturalistas, etc.), onde não se ignora o contexto econômico da ação social, mas levando em consideração o poder do Estado, das correntes ideológicas comuns, o poder dos movimentos culturais, dentre outros elementos constituidores sociais. “Complementarmos esta abordagem dando atenção a política de identidade e ao papel do Estado na divulgação de posições pessoais que são reapropriadas por pessoas reais nas complexas políticas ao nível local. (Apple, 1999, p. 97).

Para a análise utilizei os conceitos de Bourdieu (2007), o de habitus, o de campo, o de violência simbólica e o capital simbólico. Habitus é uma ideia-chave da sociologia bourdiesiana. Fala como os comportamentos e disposições das pessoas são moldados pelo seu ambiente social, como estruturas sociais internalizadas que influenciam o modo como os indivíduos agem sem que eles tenham plena consciência disso.

## 2 METODOLOGIA

O objeto desta proposta de pesquisa é a relação entre os colégios militarizados e os ideais conservadores, (instituição social + poder simbólico), logo, trata-se de uma realidade social complexa que não se dá a conhecer de forma empírica imediata. Será necessário submergir no mundo das aparências dos discursos estatais oficiais para emergir com a construção de um conceito que possa exprimir a maior parte dos nexos que constituem a realidade.

Nas ciências sociais como na educação, tanto o investigador quanto os investigados (grupos de alunos, comunidade ou povo) são sujeitos; o objeto é a realidade. A realidade é um ponto de partida e serve como elemento mediador entre os sujeitos. Numa relação dialógica e simpática, como é o caso do processo da pesquisa, esses sujeitos se encontram juntos ante uma realidade que lhes é comum e que os desafia para ser conhecida e transformada. (Gamboa, 2012, p. 45).

Para a análise do objeto, opta-se por um tipo de pesquisa que corresponda à forma mais completa de investigação da realidade, que é a pesquisa qualitativa, já que a realidade é muito complexa, que não pode ser apenas mensurada com números, mas deve ser entendida como uma rede de inter-relações. A pesquisa qualitativa se encontra nas ciências sociais, como esclarece Minayo (1994):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (p. 21).

E dentre as ciências sociais, a Sociologia ajuda a compreender melhor as relações entre o objeto e o meio em que ele está inserido, mas não só a sociologia, mas também a filosofia, a antropologia, já que elas se relacionam umas com as outras. Onde Chinoy (1975) explica, assim, a importância da sociologia:

A Sociologia procura aplicar ao estudo do homem e da sociedade os métodos da Ciência. Funda-se na suposição, comum a todas as ciências sociais, de que o método científico pode oferecer significativa contribuição do homem e à solução dos problemas práticos que os homens enfrentam em sua experiência coletiva. (p. 23).

Utilizaremos a Dialética como um dos instrumentos para analisar a realidade, e como dialética pode ser vista de várias formas diferentes, concordamos com Gamboa (2012, p. 38): “[...] não nos interessa aqui estudar cada um deles. Limitar-nos-emos à dialética entendida como método que nos permite conhecer a realidade concreta no seu dinamismo e nas inter-relações.”

No método dialético é a realidade que vai nos informar, mas o que enxergamos da realidade é apenas uma parte e turva, onde passar falsas noções dela mesma. Procurar olhar para o objeto o maior número de determinações, observar através dos mais variados níveis de abstração, tentando enxergar as determinações que não estão expostas na sua superficialidade. Todas as determinações estão no objeto, mas não basta olhar para ele para entender a totalidade dele, pois ele está inserido numa realidade que é multideterminada. Devemos buscar o elemento estrutural da realidade, e não aquele que aparenta ser.

Para a análise do objeto, opta-se por um tipo de pesquisa que corresponda à forma mais completa de investigação da realidade, que é a pesquisa qualitativa, já que a realidade é muito complexa, que não pode ser apenas mensurada com números, mas deve ser entendida como uma rede de inter-relações. A pesquisa qualitativa se encontra nas ciências sociais, como esclarece Minayo (1994):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (p. 21).

Para tal leitura de realidade, recorri a Pierre Bourdieu, e seus conceitos que vem sendo muito utilizados na sociologia, por ampliar as ferramentas de análise social. E também em Bourdieu, o seu conceito de *habitus*, que grosso modo seria os sistema de crenças, valores e comportamentos, parte do sistema material e se ramifica em instâncias que vão além. E um dos papéis da escola na formação e fortalecimento desse *habitus*:

A forma institucionalizada do capital (educação formal) em graus variados para grupos diferentes, tenta inculcar (incorporar) um *habitus*, cujo princípio é congruente com os princípios dominantes dos vários campos onde o capital existe em suas formas objetificadas: adquirir, por exemplo, uma predisposição às “regras do jogo” vendo quadros numa galeria e, além disso, fazê-lo de modo que pareça completamente natural e sem esforço. (Grenfell, 2018, p. 142).

O *habitus* permite mudanças no campo, Bourdieu diz que é durável, mas não estático. Se a sociedade muda significativamente, o seu *habitus* pode adaptar-se, mas pode haver um efeito de histerese, onde as suas antigas disposições não se enquadram no novo campo, causando tensão. Nessas tensões que surgem os conservadores, criando certas resistências às mudanças, pregando que o passado é que era bom.

O *habitus* é formado através de experiências, especialmente durante a infância e adolescência. Classes diferentes têm *habitus* diferentes, o que afeta gostos, preferências e formas de interagir. O

habitus é estruturado, por vivências passadas, e estruturante, pois modela o futuro. As estruturas, seja a família, a escola, e meio social onde convive que vai guiar suas ações, vai definir seu habitus.

O habitus é uma peça-chave da lente que Bourdieu usa para enxergar o mundo social. Como afirmei anteriormente, esse novo “olhar” sociológico é fundamentado por um modo relacional de pensar. A relação é a essência do habitus. Enquanto muitas abordagens reduzem a prática a uma dimensão de uma dicotomia, como ou o individual ou o social, e dissolvem assim os dualismos através do reducionismo, o habitus oferece um meio de manter esses dualismos, mas numa relação. (Grenfell, 2018, p. 88).

Esses valores (capitais) que dominam a educação então estreitamente ligados aos valores neoliberais, pois podem ser vistos também como valores de mercado, onde no seio da comunidade escolar, valores conservadores podem ser convertidos em valores de mercado, visto que acreditam que os que conseguem arrecadar tais capitais, poderão futuramente trocar em capital financeiro, como melhores posições no mercado de trabalho, etc.

Muitas das políticas de Direita que, actualmente, dominam a educação - e não só - encerram em si próprias uma tensão entre a ênfase neoliberal, colocada nos "valores de mercado", e o apego neoconservador aos "valores tradicionais. (Apple, 1999, p. 31).

Os campos são locais de atuação dos habitus, onde cada campo tem suas regras distintas e dinâmicas próprias, como a educação, o militar, a religião etc. O que acontece quando um campo tenta impor seus habitus em outros campo? É o que discuto mais à frente. Através do conceito de campo entendemos como as estruturas sociais se reproduzem e se transformam, guiadas pelo habitus. Para Bourdieu, analisar um campo significa desvendar suas hierarquias, regras invisíveis e os mecanismos de dominação simbólica que o sustentam.

O capital cultural podemos considerar como o conhecimento, as habilidades e a educação que uma pessoa possui, que faz parte do seu habitus, e que não são tangíveis materialmente. Já a aviolência simbólica ocorre quando os valores da cultura dominante são impostas, ainda que de maneira inconsciente, e aceitas como legítimas, mesmo por aqueles que são desfavorecidas por elas, o que é mantido através do habitus.

### **3 RESULTADOS**

O habitus deve ser uniformizado, já que uma sociedade que se comporta de forma pré-estabelecida e que pode ser antecipada as reações das pessoas para que facilite a manipulação das massas. Valores cívicos-militares deve ser adotado como naturais do comportamento, seja individual, seja coletivo.

De modo geral, podemos falar que o conservadorismo, é um habitus individual, baseado principalmente nos valores morais, que o indivíduo propaga no habitus coletivo, e que dependendo do campo que a pessoa está inserida, lhe confere um capital simbólico. Para que se dissemine esses valores dos habitus individuais e passem a ser coletivos, utiliza-se da violência simbólica, e do discurso de que são valores necessários para a pessoa ou o meio em que vive, ter êxito financeiro. O capital simbólico tende a se transformar em capital econômico.

Com o liberalismo, que anteriormente não se preocupava e até defendia a pluralidade de padrões comportamentais, no neoliberalismo, o conservadorismo é uma arma para que molde os padrões comportamentais e que vincule a ideologia do capitalismo e que mascare que as desigualdades é que são as causas das mazelas sociais, e não o comportamento individual de cada indivíduo.

Combater os conservadorismos manifestos no racismo, no machismo, na heteronormatividade, nos supremacismos e nos discursos de ódio que alimentam o extremismo requer escolas e processos educativos pautados no respeito ao diálogo, e não no vigilantismo, em todas as suas formas – pois o cerceamento do diálogo resulta em mais ódio e não na sua destruição. A militarização das instituições escolares e suas normas hierarquizadas, com a padronização de vestimentas, corpos e comportamentos, nega as diferenças e, conseqüentemente, o sujeito.

A militarização crescente pode ser vista como um retrocesso no sistema educacional que estava configurado anteriormente, não que era o sistema ideal, mas caminhava, ou se podia ter esperança de que a melhora viria.

Nesse contexto, desenha-se uma arquitetura educacional centrada no homo economicus, no autoritarismo e no conservadorismo para a escola pública, numa perspectiva divergente da que vínhamos construindo ao longo dos governos de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, ambos do Partido dos Trabalhadores – PT. (Mascarenhas; Goulart 2023, p. 30).

Considerando que tal escola reproduz os interesses das classes dominantes, esse fenômeno tem estreita ligação com a formação do/a ‘novo/a trabalhador/a’, obediente e docilizado/a, mais distante da possibilidade de contestação, pronto/a para exercer seu papel no ethos neoliberal. Pois esse modelo “ressalta um projeto de educação que consolida uma perspectiva de formação de um cidadão adequado à lógica do capital, do empreendedorismo, defensor da lógica meritocrática e alinhado a uma sociedade conservadora” (Tapajós; Silva, 2023).

A formação social capitalista está assentada na propriedade privada dos meios de produção e na exploração da classe trabalhadora, sustentada pelo trabalho assalariado para a obtenção da mais-valia e do acúmulo de riqueza, se movimentando para sempre aumentar os lucros da classe detentora do capital, ou seja, a classe burguesa, e na manutenção do status quo. Assim, “uma política pública de Estado para Educação fundamentada no ‘militarismo’, procura reproduzir um ensino tecnocrático voltado para a replicação em massa de qualificações de



produtores diretos que estão em concorrência meritocrática por emprego no mercado de trabalho” (Tapajós; Silva, 2023, p. 169).

E para contrapormos os ditames do conservadorismo e na resolução dos problemas sociais que assolam a classe trabalhadora, de forma mais acentuada, com as políticas neoliberais, Meszáros (2008) afirma que não se deve esperar que os gestores da sociedade de mercado se empenhem em resolver os conflitos fundamentais da civilização capitalista. Consciente da impotência das políticas neoliberais para a economia e seus desdobramentos nas políticas educacionais, o autor húngaro alerta que se deve buscar romper com a lógica do capital e se dedicar à questão fundamental, essencial, da sobrevivência humana neste planeta.

Com ênfase na produtividade, as escolas tradicionais vêm sendo cobradas por avaliações externas, onde além da proficiência dos alunos, as instituições devem assegurar a participação nessas avaliações, sendo que as instituições militarizadas têm como cobrar a participação nessas avaliações, daí também um dos fatores de elas terem maiores índices nessas avaliações. Pois quando fracassam, terceirizam a culpa, e normalmente os professores que a levam, e não as instâncias que gerem as escolas.

E os colégios militares entra em consonância com a política neoliberal, pois empenha-se em:

[...]“libertar” os indivíduos para fins económicas e, simultaneamente, controlá-los para fins sociais; de facto, na medida em que a “liberdade” económica aumenta as desigualdades, é provável que aumente também a necessidade de controlo social.

Na educação, a recente crença na competição e na escolha não é inteiramente difundida; em vez disso, “o que se pretende é um sistema duplo, polarizado entre escolas de mercado e escolas mínimas”. (Apple, 1999, p. 59).

Os moldes da educação pública estadual seguem os moldes do NCLB (Nenhuma criança será deixada para trás, política pública iniciada nos EUA em 2002, onde as crianças terão provas anuais para verificar proficiência, uma obrigatoriedade de profissionalizar os professores, uma participação mínima de 95% dos estudantes nas provas. Metas de notas acima da anterior. As provas são de línguas (inglês nos EUA e Inglaterra e português no Brasil) e matemática. Escolas que fracassarem nessas metas, podem trocar os funcionários, e em última instância, até os moldes da instituição. Apple, 2005.

E, numa época de grave competição internacional, as escolas falham ao não produzirem mão-de-obra suficientemente qualificada, adaptável e flexível. Como já referi, ligado a esta ideia das escolas entendidas como produtoras de “capital humano”, encontra-se um programa cultural, igualmente importante, relacionado com os conjuntos de lógicas sociais que deveriam orientar a nossa conduta diária. (Apple, 1999, p. 35).

O crescimento dos movimentos evangélicos conservadores e depois com sua integração na causa conservadora mais ampla, que até então eram alheios a uma cultura “que parecia trivializar a



religião e exaltar a imoralidade”, os cristãos conservadores não só abraçaram o livre mercado, como também a necessidade de autoridade moral enérgica. A combinação de capitalismo e do que eles entendem como uma moral ordenada por Deus.” Os conservadores das religiões populistas autoritárias encontraram um lar sob o guarda-chuva conservador, junto com os neoliberais e os gerencialistas, formando assim a Direita Conservadora. (Apple, 2003)

A violência simbólica que sempre operou para que o status quo fosse mantido, pois se a força repressora fosse apenas física, os detentores do capital não conseguiriam se manter por muito tempo. Assim, utilizam uma estrutura que é violenta e repressiva na origem, que tem um status simbólico para, agora, através da militarização, seja das escolas, seja do comportamento de seus alunos, mostrando e fazendo-os assimilar como natural a ordem e a obediência.

A força simbólica de uma instância pedagógica define-se por seu peso na estrutura das relações de força e das relações simbólicas (exprimindo sempre essas relações de força) que se instauram entre as instâncias exercendo uma ação de violência simbólica, estrutura que exprime por sua vez as relações de força entre os grupos ou as classes constitutivas da formação social considerada. (Bourdieu e Passeron, 1992, p. 22).

As relações de concorrência entre as instâncias de um campo obedecem à lógica específica do campo de legitimidade considerado (político, religioso ou cultural) sem que uma força exclua deliberadamente a outra, pois tem relativa dependência entre si. A força da autoridade militar, bem como sua violência simbólica é algo que partiu de fora do campo educacional, e foi introduzida de forma simbólica. Assim a disciplina e obediência dos alunos são maiores nessas instituições do que as tradicionais não são pelo respeito e moral que pregam os militares, se considerando cidadãos superiores, e sim pela violência simbólica, seja pela uniformização que já traz em si a hierarquização, seja por um regimento escolar que tolhe qualquer manifestação contrária à instituição.

A forma específica que tomam os conflitos entre instâncias que pretendem à legitimidade num campo dado é sempre a expressão simbólica, mais ou menos transfigurada, das relações de força que se estabelecem nesse campo entre essas instâncias, e que não são jamais independentes das relações de força exteriores ao campo (a dialética da excomunhão, da heresia e da contestação da ortodoxia na história literária, religiosa ou política). (Bourdieu e Passeron, 1992, p. 32).

Poderíamos estender por muitas páginas argumentando contra a militarização da educação pública, mas o que foi dito do decorrer da pesquisa já é suficiente. Não é coincidência que num momento de saudosismo da ditadura militar e a esperança de que os militares salvarão a sociedade, discurso que é pregado pelos conservadores, ao mesmo tempo que avança a militarização da escola pública, dando caráter de escola privada com aparato e recursos estatais. Dando um remédio fácil para

problemas complexos, e que vem encontrando apoiadores entre a sociedade civil, especialmente entre alunos e professores.

#### 4 DISCUSSÃO

O neoliberalismo possui as características do liberalismo, tais como o individualismo, a concorrência entre todos, a meritocracia, dentre outras, de forma exacerbada, e com o Estado cada vez menos atuante, já que os defensores desse modelo político/econômico argumentam que o “mercado” se autorregula, sem a necessidade de o Estado intervir nas relações comerciais. É a ideia de um Estado mínimo:

[...] Desde a privatização de estatais e de empresas públicas, a quebra do poder sindical nas negociações trabalhistas, a terceirização das atividades funcionais das empresas, a redução dos direitos sociais e do poder de renda das classes médias e populares, foram algumas das principais medidas cuja denominação comum seria conhecida como política neoliberal. (Dantas, 2020, p. 83).

O conservadorismo visa manter as estruturas que dão base ao capitalismo, assim o reacionarismo é uma luta para a conservação do capitalismo enquanto meio de produção e relações, bem como todas as mazelas que ele produz: desigualdade social, individualismo, meritocracia, etc.

A volta do pensamento conservador implica um cerceamento das minorias, e busca, em nome de um pretenso patriotismo e consenso social, a redução de direitos conquistados após a ditadura militar. Em alguns setores sociais chega-se a afirmar que nunca houve Golpe Militar no Brasil. Um pensamento fascista que cresce, mas que não ocorre apenas no Brasil. A expansão da direita no mundo, principalmente uma mais extremada, é um elemento do capitalismo reagindo a transformações que a crise recente do capital levou.

Podemos destacar na passagem do regimento escolar seguinte, quando já tratam do objetivo dos alunos do ensino médio, pontos a serem acrescidos na formação do ensino fundamental, o seguinte:

- I - proporcionar ao educando formação necessária para o desenvolvimento de suas potencialidades, como elemento de auto realização e preparo para o exercício da cidadania, resgatando o civismo, patriotismo, urbanidade e a cooperação mútua;
- II - desenvolver sólida e harmonicamente a personalidade dos alunos, promovendo a compreensão dos direitos e deveres da pessoa humana, do cidadão brasileiro, da família e da comunidade;

Assim como no pensamento conservador, há uma sensação de crise na sociedade atual, e uma certa nostalgia de que no passado a educação funcionava. Estão procurando um resgate a um patriotismo, a um momento em que a sociedade foi mais cooperativa, onde as famílias eram o cerne moral e de valores éticos socialmente aceito.

Mais precisamente, pode-se dizer que o movimento de militarização das escolas públicas é decorrente do alinhamento entre o movimento neoliberal, modelo econômico hegemônico, e o (neo)conservador (SILVA, 2021), movimento cultural pelo retorno de 'valores morais tradicionais' como forma de reestruturação do sistema social capitalista, a crises inerentes a sua constituição. Assim, alinha-se uma proposta de formação que molda filhos e filhas de trabalhadores/as para o mercado de trabalho, atendendo a interesses econômicos, proposta disciplinar, hierárquica, supostamente patriótica e que não poderia ser refutada ou contestada. (Tapajós e Silva, 2023. p. 165).

Quando analisamos o regimento escolar, que rege os CEPMGs (Colégios Estaduais da Polícia Militar de Goiás), vemos que tem uma ênfase muito grande nos valores familiares (ainda que não explicita que família é essa), e na cidadania, vista como valorização do patriotismo e do cidadão obediente e servil, e não uma cidadania atuante que visa a transformações sociais.

Considerando que tal escola reproduz os interesses das classes dominantes, esse fenômeno tem estreita ligação com a formação do/a 'novo/a trabalhador/a', obediente e docilizado/a, mais distante da possibilidade de contestação, pronto/a para exercer seu papel no ethos neoliberal. Pois esse modelo "ressalta um projeto de educação que consolida uma perspectiva de formação de um cidadão adequado à lógica do capital, do empreendedorismo, defensor da lógica meritocrática e alinhado a uma sociedade conservadora" (Tapajós; Silva, 2023).

A militarização expressa uma visão mercantil da educação, com estímulo à centralização e formas embutidas de controle social. Esse fato foi comprovado ao observarmos que o militar atua como um agente regulador de controle simbólico (Berstein, 1996), quando ele afirma que os/as estudantes da escola mudam o comportamento no pátio quando são pronunciados os comandos de controle. (Barros; Silva, 2023, p. 200).

As concepções liberais da educação são concepções educacionais estão diretamente vinculadas às necessidades produtivas, pautadas na eficiência e racionalidade técnica, na ação prática, para saber lidar com as mudanças em curso. A educação que corresponde a tais objetivos é expressa por meio de teorias pedagógicas e psicológicas sedutoras, que nem sempre consideram e valorizam o trabalho do professor. Os professores são levados a acreditar nelas, o que agrava ainda mais sua desvalorização. O lema do "aprender a aprender", que de umas décadas para cá vem permeando os documentos oficiais da Educação com um caráter inovador e moderno, na verdade traz oculto um forte processo de alienação.

Diante disso, algum grau de coerção parece necessário à restauração da ordem. Os neoconservadores enfatizam assim a militarização como remédio para o caos dos interesses individuais. Por esse motivo, mostram-se mais propensos a acentuar ameaças, reais ou imaginárias, nos planos doméstico e externo, à integridade e à estabilidade do país. (Harvey, 2008, p. 93).

A padronização das instituições militares e militarizadas é o objetivo central desses colégios. Padronizam os corpos, através de uniformes para os docentes e discentes, bem como todos os demais funcionários das instituições. Nas vestimentas já podemos notar a hierarquia, visto que alunos de séries mais avançadas são hierarquicamente superiores aos alunos de séries menores. Há os alunos “padrão” que servem de referência que servem de modelo a serem seguidos pelos demais. O que veem como modelo a ser seguido em educação, podemos considerar um atraso.

[...] Pensar, em pleno século XX,I a existência de associação entre disciplina ou bom comportamento, com limitação do tamanho dos cabelos masculinos e obrigatoriedade de coque para as meninas é retroceder quanto aos avanços pedagógicos conquistados ao longo de séculos. (Mendonça, 2019, p. 607).

Com o lema “Escola de Civismo e Cidadania, que é o mesmo para todas as instituições educacionais militares, apregoam a importância desses valores para o avanço e desenvolvimento do país, visto que o patriotismo também é um valor central dessas instituições.

Contudo, analisando os documentos oficiais, averiguamos que civismo e cidadania, na ótica militar está relacionada à obediência sem reflexão e a um patriotismo e busca de valores conservadores, tanto familiares como sociais.

Isso tudo nos leva a encarar a importância dos programas oficiais e, por extensão, do livro didático. Contudo, devemos encará-los como diretrizes de orientação geral. As particularidades em relação ao desdobramento dos programas, à resseleção de conteúdos, à escolha de métodos e técnicas são determinadas pelo professor de modo mais ou menos independente, tendo em conta as condições locais da escola, dos alunos, bem como as situações didáticas específicas às diferentes séries. Além disso, devemos avaliar criticamente os programas, confrontando-os com a nossa visão de homem, de mundo e do processo pedagógico. (Libâneo, 1990, p. 133).

Assim como na filosofia militar, onde se busca uma certa padronização de comportamentos, e mesmo pregando uma educação plural, na Sessão II do regimento escolar, que trata dos Deveres e Vedações, tem bem claro que fazer proselitismo religioso ou ideológico, bem como pregar doutrinas contrárias aos interesses nacionais, são passíveis de punição. Fica bem claro que manifestações que vão contra as ideologias militares não são aceitas, seja por parte dos docentes, quanto os discentes.

## 5 CONCLUSÃO

Para os conservadores brasileiros, as instituições escolares, principalmente as públicas, são inimigos dos valores que propagam, tentando por diversas vezes intervir no papel da educação e dos professores. Tentando tirar o papel da escola de ser um local de contradições, onde valores são levantados e discutidos, almejando assim a formação de um cidadão pleno, que compreenda as nuances

e determinações sociais, e que possam lutar quando compreenderem que as determinações não são boas para eles, a classe trabalhadora.

A disciplina e obediência sendo incorporadas nas instituições escolares, que deveriam ser lugar para contestações e discussões das ideologias que tentam se manter socialmente. A disputa entre campos, que num primeiro momento parecem ser antagônicos, como o da educação e o militar, nas escolas militarizadas aparentemente se deu calmamente, mas porque a ideologia militar se impôs e suplantou a educação pública convencional.

O conservadorismo vem crescendo com a ajuda dos neoliberais, que junto com os gerencialistas formam a nova direita, cada qual com seus interesses, mas com um objetivo em comum: propagar ideais morais que formem mão-de-obra barata, subserviente e não transforme as estruturas sociais vigentes, que mantenha o status quo.

Acreditamos ter contribuído para o avanço na discussão dessa temática, acrescentando às outras pesquisas na área, que ainda não são numerosas, visto que a militarização é um fenômeno relativamente recente na nossa história, e muito ainda tem que ser pesquisado e discutido, com vistas a barrar esse crescimento, pois não se trata apenas de um avanço conservador nas instituições de ensino, mas na formação de um cidadão com esses valores, que numa sociedade desigual, acredita em que manter a desigualdade é o melhor caminho.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Mirian Fábila & TOSHI Mirza Seabra. A militarização das escolas públicas: uma análise a partir das pesquisas da área de educação no Brasil. In: RBPAAE - v. 35, n. 3, p. 633 - 647, set./dez. 2019.
- APPLE, Michael W. Educando à direita: mercados, padrões, Deus e desigualdade. Tradução de Dinah de Abreu Azevedo ; revisão técnica de José Eustáquio Romão. - São Paulo : Cortez : Instituto Paulo Freire, 2003
- APPLE, Michael. Políticas culturais e educação. Tradução: João Menelau Paraskeva. Porto Editora. Porto – Portugal.1999.
- BARROS, Afrânio. SILVA, Edileuza Fernandes. Implicações da militarização na gestão democrática: caso de uma escola pública do Distrito Federal. Revista Retratos da Escola de Formação da CNTE. (ESFORCE). Vol. 17 Número: 37. Jan/Abril de 2023
- BOURDIEU, Pierre. A Distinção: crítica social do julgamento. Tradução Daniela Kern; Guilherme. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
- BOUDIEU & PASSERON, Pierre; Jean-Claude. Os herdeiros, os estudantes e a Cultura. Tradução: Ione Ribeiro Valle. Florianópolis; Ed. Da UFSC, 2014.
- CHINOY, Ely. Sociedade: Uma Introdução à Sociologia. 4 ed. São Paulo; Cultrix, 1975.
- DANTAS, Diego Fonseca. Ideologia e Cultura Educacional: Estudo crítico sobre o conservadorismo em educação no Brasil. Universidade Federal Fluminense, Niterói – RJ, 2020
- GAMBOA, Silvio Sánchez. Pesquisa em educação: métodos e epistemologias. 2 ed. Chapecó; Argos, 2012.
- GRENFELL, Michael. Pierre Bourdieu: Conceitos Fundamentais. Tradução: Fábio Ribeiro. Petrópolis, RJ. Vozes, 2018.
- GUIMARÃES, Paula Cristina Pereira. LAMOS, Rodrigo de Azevedo Cruz. Militarização das escolas da rede estadual de Goiás: A nova onda conservadora. REVISTA PEDAGÓGICA | V.20, N.43, JAN./ABR. 2018.
- HARVEY, David. O Neoliberalismo: história e implicações. Edições Loyola, São Paulo, 2008.
- LIBÂNIO, José Carlos. Didática. São Paulo, Cortez, 1990.
- MASCARENHAS, Aline Nunes. GOULART, Janaina Moreira de Oliveira. Escola e democracia: militarização das escolas públicas e a desdemocratização na sociedade. Revista Retratos da Escola de Formação da CNTE. (ESFORCE). Vol. 17 Número: 37. Jan/Abril de 2023.
- MENDONÇA, Erasto Fortes. Militarização de escolas públicas no DF: a gestão democrática sob ameaça. In: Dossiê: Militarização das Escolas públicas no Brasil. RBPAAE - v. 35, n. 3, p. 594 - 611, set./dez. 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa Social: Teoria Método e Criatividade. 9 ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 1994.

SANTOS, Catarina de Almeida. ALVES, Mirian Fábila. LACÉ, Andréia Mello. Militarização das escolas públicas no Brasil: desmilitarizar as escolas para salvar a educação pública e a democracia. Revista Retratos da Escola de Formação da CNTE. (ESFORCE). Vol. 17 Número: 37. Jan/Abril de 2023.

SILVA, Joselita Romualdo. Pedagogia do quartel: formação de corpos dóceis nos colégios cívico-militares no estado do Paraná. Revista Retratos da Escola de Formação da CNTE. (ESFORCE). Vol. 17 Número: 37. Jan/Abril de 2023.

TAPAJOS, Michele Costa. SILVA, José Bittencourt. Escola cívico-militar em Belém/PA: discussão a partir de um estudo de caso. Revista Retratos da Escola de Formação da CNTE. (ESFORCE). Vol. 17 Número: 37. Jan/Abril de 2023.

ZAN, Dirce & KRAWCZYK, Nora. A disputa cultural: o pensamento conservador no ensino médio brasileiro. In: Revista Amazônida, v. 4, n. 21, 2019